

Palavras Permanentes

Episódio 3

[música Gal Costa]

Não sou mais tola, não mais me queixo
Não tenho medo, nem esperança
Nada do que fiz, por mais feliz
Está à altura do que há por fazer
Eu viveria tantas mortes
E morreria tantas vidas
E nunca mais me queixaria - Nunca mais

[música]

A gente fica mordido, não fica? Dente, lábio, teu jeito de olhar

Me lembro do beijo em teu pescoço, do meu toque grosso, com medo de te transpassar

[Liniker] A gente é uma banda independente, não tem jabá, não tem... tipo, a gente faz o nosso trabalho junto com as pessoas que escutam. Então, se não fosse tipo... se não fosse quem estava ali, o dia em que a gente lançou os vídeos e que *bombou*, e que aí as pessoas começaram a falar, porque as pessoas começaram a ver numa grande escala, a gente não estaria aqui, não existiria desse jeito. Meu corpo é minha voz, então meu corpo não vai só cantar, meu corpo dança, se expressa, ele chora, ele escreve, ele pensa... Mas eu me sinto sozinho demais assim, principalmente na questão amorosa, na questão afetiva. As pessoas “endeusam” muito o fato de eu ser uma pessoa que está em destaque. É como se eu fosse punida, sabe? Como se eu não pudesse amar, como se eu não tivesse vontade de transar, de beijar na boca. Como se o afeto físico fosse uma coisa, tipo: “ah, mas a Liniker é muito poderosa, ela já pega todo mundo, está todo mundo a mercê dela”, e não está não está. A solidão em relação a isso é muito pesada. Então eu escrevo, faço música. Meu nome foi sempre uma coisa de que eu tive muito orgulho, de chamar “LINIKER”, tipo: “LINIKER” acho que é o nome que me cabe, sabe?! Acho que eu tenho esse nome e meu corpo tem esse nome, e... Ah, sempre na escola, né, tipo: “como é que fala?” Como é que escreve?” “É seu nome mesmo?” “Mas e seu nome de verdade, como é?” Ainda mais agora. “Tá, mas qual é o seu nome de verdade, de registro?”

- “Gente, é Liniker de Barros Ferreira Campos. É meu nome!” “Ah, nossa, que interessante”.

Eu gosto muito! E a Ava também, né?! Esse nome, Ava Patrya Yndia Yracema Gaitán Rocha, é isso? Lindo, lindo! Esses pais criativos a gente tem que aplaudir. [palmas]

[música]

[Ava Rocha] Quando eu era pequena, eu falava que meu nome era “Ava Patrya Yndia Yracema Gaitán Rocha Pedra Brasil”, e as pessoas me perguntavam e eu, num misto de vergonha e loucura, respondia muito rápido, “**Ava Patrya Yndia Yracema Gaitán Rocha Pedra Brasil**”. A minha vida é meio caótica, assim, e eu vou criando. Às vezes, eu crio andando, às vezes, eu faço uma música andando. Gosto muito de ficar compondo no violão também. Escrevo muito, então eu tenho uma ideia, eu escrevo ou então eu gravo a música, ou então alguém me manda uma música, eu faço uma letra ou vice-versa. Às vezes, a gente está fazendo café da manhã e eu pego um vilão, e: “Leo, vamos fazer uma música” e de repente faz a música. Tudo é junto e misturado, entendeu? Então vou criando minha filha, fazendo as coisas, pensando nisso, naquilo. Então o Curimim vem aqui para conversar

sobre discos, e eu já o encosto aqui na parede da minha sala, tiro umas fotos, já vou para o computador, já “nananã” e já mando para ele. Aí eu falo: “não, vamos fotografar de novo”, aí já faço uma música, saio para fazer meu show, volto, monto um clipe. Para cantar realmente no sentido de colocar a minha voz no mundo e tal, do jeito que eu venho colocando, ele está aliado a uma reflexão que é maior, sabe?! Uma busca minha que é espiritual, sabe? Uma reflexão, como eu digo, que é... cinematográfica, que é política, que é filosófica. Então eu passei a ter esse entendimento, e não é uma virada na verdade, isso é um trabalho diário, né?! Desde que, enfim, eu me entendo por gente, esse caminho que você vai... talvez, daqui a um tempo, eu nem faça mais música, eu não sei, eu acho difícil.

[risos]

[Passos na sala]

[risos]

[som de óculos fechando]

[som de óculos sobre a mesa]

[Risadas]

[Liniker] Você está bem?

[Ava Rocha] Estou ótima. E você?

[Liniker] Estou ótima também, tudo certo!

[Ava Rocha] Você mudou de casa?

[Liniker] Mudei. Agora finalizei tudo.

[Ava Rocha] E como está? Como que é morar em São Paulo?

[Cadeira mexendo]

[Liniker] Eu gosto, mas eu também detesto às vezes. Acho que, por ter uma memória do interior muito... sei lá, muito presente na minha vida, por ter morado muito tempo, por ser uma pessoa mais acho que um pouquinho mais introspectiva, São Paulo me deixa um pouco exposta, eu acho. Eu acho que eu estou numa fase agora de precisar de muito mais de silêncio do que de caos, muito mais assim. Acho que minha casa tem sido meu... como fala? É... refúgio, meu refúgio, de chegar ao ponto de me maquiar para sair, chegar na porta e voltar.

[Risadas]

[Ava Rocha] Porque eu ia te perguntar se você gosta mais de criar no silêncio ou no caos.

[Liniker] Hum... eu acho que depende muito, mas acho que prefiro o silêncio, ainda mais agora morando sozinha. Acho que tem um lance que eu tenho experimentado e acho também que é um exercício de teatro que eu fazia muito na Escola Livre, que era de poder lançar a palavra no espaço e esperar a palavra voltar, para você ver como ela chega, para ver como você emitiu aquilo. Então, agora, a gente estar sozinho em casa no silêncio, e sei lá, e escrever e começar a cantar naquela casa que ecoa tudo, acho que eu tenho gostado mais do silêncio, tenho gostado mais de me escutar, de estar mais próxima à minha voz.

[Ava Rocha] É, o silêncio é fundamental mesmo.

[Liniker] Fundamental!

[Ava] É, eu acho que a maioria das músicas que eu criei foi no silêncio.

[Risadas]

[Liniker] Acho que, na época de Escola Livre, que foi quando eu tive um processo de composição mais pesado, que eu escrevia todo dia, era mais no caos. Mas acho que eu também estava numa fase mais no caos. Era estudar todo dia, viver numa casa com nove pessoas, então tinha um fluxo de gente o tempo inteiro. Então eu acho também que isso foi me dando muitas possibilidades, mas, agora, depois de já ter experienciado o caos, eu me sinto uma pessoa mais silenciosa. Acho que uma lua em virgem chamando mais. **[risos]**

[Ava] Quando você compõe, você sente? É um momento em que você revela segredos, que você conta para os outros, fala coisas que você nãoalaria normalmente, não comunicaria normalmente. É um momento que você sente... é um momento da sua expressão máxima, da sua... do seu grito?

[Liniker] Total. Acho que eu só canto para isso, para poder desaguar. Só por isso. Desde a minha primeira música, que foi quando eu encontrei um lugar em que eu podia não ter vergonha da minha fragilidade, não ter vergonha de mostrar que eu era frágil também. Então de botar todo meu sentimento, toda angústia, toda alegria, todo segredo, mistério... então é totalmente o momento de apresentar o meu íntimo.

[Ava] Você é uma pessoa doce, suave, linda, delicada e, no palco, você tem as coisas da “lacrção”, você “lacr” geral.

[risadas]

[Liniker] Eu acho que tem essa doçura, que é uma característica minha já. Meu corpo tem esse registro, mas ele, no palco, acho que tem uma gana que vem assim, tipo: “dá licença, que esse espaço é meu. Enquanto eu estiver aqui, nesse espaço, eu vou falar o que eu quero dizer, eu vou cantar o que eu quero dizer”. Então, acho que até por isso vem essa coisa meio bicho, meio bicha, meio feroz, leoa assim, de poder dominar aquele espaço todo e aquilo ser meu, e poder falar da fragilidade da alegria, de mandar se fuder, na música e não no... “vai se fuder”, não isso... Mas acho que é isso, acho que o palco me permite alcançar dentro de mim esse espaço de autoafirmação do que eu estou cantando e do que estou propondo artisticamente.

[guitarra de fundo]

Me discorre o seu dia - Como é que tá aí?

Quis te ver da minha janela, não nega teu cheiro em mim

Quero passar por aí, de noite, ao longo do dia, passe um café

Vou levar meu coração untado por sofreguidão, que é pra ver se dá alguma coisa nossa, alguma nossa, nossa, nossa

Me beija, me cheira, me tira do sério, me tira do sério, que é pra ver se dá alguma coisa nossa. Me beija, me cheira, me tira do sério, me tira do sério, que é pra ver se dá

Ralei meu coração num ralador de pia, escorri lágrimas, variei por dias

Ralei meu coração num ralador de pia, escorri lágrimas, variei por dias

Ih, ih, ih, ih, ih... ah, ah, ah, ah, ah...

Ih, ih, ih, ih, ih... ah, ah, ah, ah, ah...

[guitarra]

[batida de rock]

[Ava] A minha geração de idade, sei lá, eu, a Tulipa e várias outras pessoas, nós somos uma geração que, por conta do fortalecimento da internet, por conta do fortalecimento de muitos devires, que tem a ver por exemplo com o fato de você não ser só uma coisa, de você poder transitar entre mil campos da arte, mil possibilidades e tudo mais. Tem um pessoal que não se lançou aos 20 anos, então eu comecei a cantar com 28, a cantar digamos, profissionalmente. Isso fez com que essa galera que estava com 28, 30 começasse quase que ao mesmo tempo com a galera mais nova também. Quando eu falo da geração, eu falo muito de ser contemporâneo e de estar vivendo dilemas, e questões, e lutas, e que são contemporâneas, e que são de interesses em comum. Então, eu acho que existem pessoas de idades variadas que fazem parte dessa geração, desse momento da música brasileira, né?! Que compartilha aspecto de luta, de construção de políticas, de formação de público, de quebra de barreiras, de inovação do mercado. Eu enxergo muito os artistas que são, por exemplo, mais velhos do que eu, que não gozaram desse momento de

facilidade, de democratização pela internet e que estão numa outra idade, digamos assim, mas que estão vivendo esse fervor, essas oportunidades que nem um jovem de 20 anos vai viver na mesma sintonia.

Então eu gosto de pensar em geração numa coisa assim mais fluida, né?! E que tem trocas, trocas que não passam pela coisa da idade.

[Liniker] Total... E esse lance de idade, eu tenho 22 anos, mas eu sinto, às vezes, que eu tenho mais, tipo de alma, eu sinto que minha alma tem mais de 22 anos, e acho que isso também dá uma aproximada, principalmente falando dessa nossa troca. Eu ouvi muito dessas pessoas com quem eu convivo hoje. Eu cresci escutando. No momento da minha adolescência, em que eu fui pesquisar, que eu fui querer saber o que era, como é que funcionava música independente, quem estava na música independente. Então eu sinto que é uma troca eterna, de só coisa boa fluindo, a gente poder se encontrar para fazer música, a gente poder apresentar a música para outra, a gente poder, se tem uma base que dá esse apoio gostoso de tipo: "ah, eu fiz essa música, o que você acha?" "Ah, eu acho o máximo!" "Vou te mandar uma música então". Tipo, isso é muito massa, sabe? Eu fico muito feliz.

[Ava] A nossa relação também com o público, quer dizer, a gente já é também uma geração diferente, que se relaciona num outro nível com as pessoas. Eu acho que, politicamente falando, no mundo, hoje, a gente tenta conversar horizontalmente com as pessoas. Eu acredito que, quando estou fazendo um show, estou apresentando minha arte, meu pensamento. Existe uma dimensão espiritual, que é pessoal e que, para mim, é o momento da minha transcendência, é o momento em que estou com as pessoas. Então vou levar essas pessoas para essa transcendência junto. Não é uma pretensão, é como se eu estivesse procurando a minha própria cura e compartilhando com as pessoas essa possibilidade.

[Liniker] É, eu acho que essa coisa de público é uma coisa que eu gosto de ter muito presente, até por eu ser público também. Então, para mim, sempre o mais próximo dessa relação com a pessoa ali que está assistindo meu show, melhor vai ser para mim, e acho que melhor vai ser para ela também, de poder, sei lá, me conectar com a pessoa ali, de cantar uma música junto, de poder abrir uma pista de dança num show e descer para dançar com as pessoas. Para mim, isso é muito importante. Entender também que foi graças a quem ouviu que estou aqui hoje.

[guitarra]

[Liniker] Você não vai passar de um cara que nunca tomou conta de mim

[Ava] Você não vai passar dos anos que esteve dando voltas por aí

[Ava e Liniker] Você não vai passar com a dor quando me flagrar dando sopa, dando sopa por aí

[Liniker] Você não vai passar de um cara que nunca tomou conta de mim

[Ava] Você não vai passar dos anos que esteve dando voltas por aí

Você não vaaaaaii, ai, ai, ai... [risos]

[Liniker] Dera, da, da, dera, u da rara... você não vai passar de um cara

[Ava e Liniker] Que nunca tomou

[Ava] Conta de mim

[Liniker] Você não vai passar dos anos

[Ava e Liniker] Que esteve dando voltas por aí

[Ava] Você não vaaaii... pah, pah pah, ê, ê, ê, uh, uh, ê...

[Palmas]

[Ava] Ah, ah, ah, ah, você não vai passar de um cara

[Liniker] Que nunca tomou conta de mim

[Liniker] Nas primeiras entrevistas que eu dei, que as pessoas falavam: “aí, como é que é se posicionar politicamente?” “Você acha que você tem uma potência política para oferecer junto com essa música?” Não tinha como fugir, tipo, eu sou travesti, negra, que uma mulher trans e negra já é tão estereotipada, já é lida em todos os lugares que chega. Então, não tem como não ser político e estar em cima de um palco, sabe? Cantar, ocupar um espaço público em que eu não estaria e ali cantando, então já é extremamente político de chegar e conseguir ser uma voz junto com outras vozes, de poder falar coisas que não estão favorecendo ninguém, falar de como é excludente, como é jogada na marginalidade, o fato de ser uma travesti, de morar num país que mais mata travesti, transexual, mulheres, pessoas negras. Então, eu acho que isso é extremamente político, sabe? Ocupando este lugar e poder falar sobre. O que você acha?

[Ava] Eu acho que sim, eu acho que política não é um panfleto. O corpo é político, e a gente traz tudo com a gente. Você não precisa nem querer ser política, você, sua própria existência é política, e eu me sinto assim também com as minhas coisas, com a minha realidade de ser mulher, de ser artista, de ser uma resistente, enfim... Eu acho que eu trago tudo isso de uma maneira natural, porque, na verdade, é isso. Eu acho que as coisas não estão separadas, né?! Eu não consigo ter um discurso pueril na minha música. Eu acho que política reside em tudo, no amor, em tudo, em absolutamente tudo. Então é a maneira como você trabalha essa relação. O que a nossa geração, por exemplo, muitas vezes, ela é encarada como sem muita política. Os artistas, as pessoas falam: “ah, essa geração...” qualquer coisa assim. Eu acho muito ao contrário, eu acho uma geração extremamente política. Eu acho que, do ponto de vista de política cultural, a gente tem transformado o mercado, e a gente tem feito política, micro políticas. Então, há política em tudo. O próprio fato de cantar num mundo como esse, num mercado independente, informação com milhares de questões num país como o Brasil, enfim... São extremamente políticos todos os nossos atos. Ser artista no Brasil, ser qualquer coisa é extremamente político. Eu acho também que todo mundo é artista, que reconhecer essa potência é uma grande arma, é um grande instrumento de superação. Mas a questão da arte traz o dever da invenção, como inventar e se reinventar nesse mundo, né?! Por exemplo, como é a questão do feminismo, que é uma questão fundamental, que está muito em voga hoje. Mas ela vai permanecer, ela vai andar com a gente, independente de qualquer manchete, né?! Já é algo que está intrínseco no nosso cotidiano. Acho mais ou menos isso.

[Risadas]

[Guitarra]

[Liniker] *Pode ser ou é - de algum jeito, a gente se deu bem*

Com tempo pra respirar, com tempo pra ser bem mais

[Ava e Liniker] *Que dois*

Tem tudo pra engatar - bem agora ou daqui a um mês

[Liniker] *Eu e você pra depois, muita coisa pra logo mais*

E quando junto o dia, é bom. E quando separa a gente, não

[Ava e Liniker] *Oscila*

Dez mil coisas por segundo - pelos dias que a gente aprendeu

Dez milhões de coisas que a gente é, pelo nosso amor em movimento

Pode ser e é... Pelo nosso amor em movimento

Pode ser e é, pode ser é ou é - de algum jeito, a gente se deu bem

Com tempo pra respirar, com tempo pra ser melhor que dois

Pode ser e é, pode ser é ou é - de algum jeito, a gente se deu bem

Com tempo pra respirar, com tempo pra ser melhor que dois

Tem tudo pra engatar - bem agora ou daqui a um mês

*[Liniker] Eu e você pra depois, muita coisa pra logo mais
E quando junto o dia, é bom. E quando separa, a gente não oscila
Dez mil coisas por segundo - pelos dias que a gente aprendeu
Dez milhões de coisas que a gente é*